

Pegada hídrica e aprendizagem social – o desafio de ampliar interações sociais

Pedro Roberto Jacobi

A criação de espaços de aprendizagem pode representar uma proposta pedagógico-metodológica que considera como contextos de vivência e convivência o cotidiano de uma realidade que se abre ao local e ao planetário. Torna-se importante agregar novas formas de aprendizagem social, expansão do lócus de aprendizado e de interpretação do cotidiano e de arenas de negociação. Essas estratégias podem ser entendidas como espaços de convivência e de formação de conhecimentos sobre aprendizagem social na gestão compartilhada e participativa no contexto socioambiental. Trata-se, portanto, de um processo interativo que considera que através do diálogo e da comunicação entre atores envolvidos (stakeholders) existe a possibilidade é a predisposição para reconhecer a legitimidade de um processo, compartilhando a responsabilidade pelos resultados obtidos. Através de diálogos, participantes podem questionar suas próprias certezas e estar abertos às opiniões dos outros, pois as soluções passam pela construção de um modelo coletivo sensível à complexidade dos sistemas socioambientais.

Impõe-se assim o desafio de negociar pontos de vista distintos e comunicar efetivamente suas ideias e visões de mundo, reconhecendo que atores sociais têm a capacidade de aprender a partir de situações complexas impostas pela necessidade de responder aos inúmeros dilemas que se apresentam. Como isso garante-se uma negociação com bases equilibradas em realidades complexas, nas quais transparecem os principais desafios para avançar no caminho de sociedades mais sustentáveis, de redução das desigualdades sociais, de ações pautadas por inclusão, de acesso ao campo decisório e de avanços na disseminação da Pegada Hídrica.

O maior desafio é de criar oportunidades de aprendizagem social ativas, nas quais haja o real envolvimento dos sujeitos em relações de diálogo, que favoreçam: a percepção da diversidade de opiniões e visões de mundo; a mediação de interesses individuais e coletivos; e a possibilidade de ampliação de repertórios que aumentem a capacidade de contextualizar e refletir. Os processos ativos, principalmente os de base

colaborativa (reconhecidos como de co-aprendizagem), possuem potencial para a emergência de inovações, de compromissos coletivos e de práticas de cidadania orientadas para a sustentabilidade.

Essa mudança paradigmática implica uma mudança de percepção e de valores, gerando um saber solidário e um pensamento complexo, aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir num processo contínuo de novas leituras e interpretações, configurando novas possibilidades de ação.

A premissa que norteia o paradigma proposto é o de formar um pensamento crítico, criativo e sintonizado com a necessidade de propor respostas para o futuro, capaz de analisar as complexas relações entre os processos naturais e sociais e de atuar no ambiente em uma perspectiva global, respeitando as diversidades socioculturais. O objetivo é o de propiciar novas atitudes e comportamentos face ao consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos (Jacobi, 2005).

A utilização de indicadores de consumo como a Pegada Hídrica começa a se tornar mais difundida, tanto nos organismos multilaterais, como nas universidades, nas organizações da sociedade civil, e no setor empresarial.

Esta nova abordagem reflete uma mudança de estratégia na forma de conceber e manejar o recurso água, enfatizando a valoração da produção baseada como importante instrumento de governança do uso da água.